

Transformação de entrevistas em livro: uma experiência de edição*

Amilcar Araujo Pereira e Verena Alberti

Universidade Federal Fluminense (UFF) e Centro de Pesquisa e Documentação
de História Contemporânea do Brasil (CPDOC-FGV)

amilcarpereira@hotmail.com

verena.alberti@fgv.br

Em setembro de 2003 iniciamos o projeto “História do movimento negro no Brasil: constituição de acervo de entrevistas de história oral”, e a partir daí começamos a realizar uma série de entrevistas com militantes do movimento negro contemporâneo que atuam desde as décadas de 1970 e 1980 nas diferentes regiões do Brasil.¹ Entre outubro de 2003 e março de 2007 realizamos

* Texto apresentado no VII Encontro Regional Sudeste de História Oral “Memória e Política”, promovido pela Casa de Oswaldo Cruz e pela Associação Brasileira de História Oral e realizado na Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, de 7 a 9 de novembro de 2007.

¹ Em seu primeiro ano de vigência, a pesquisa contou com o apoio do South-South Exchange Programme for Research on the History of Development (Sephis), e, em janeiro de 2004, passou a integrar o projeto “Direitos e cidadania”, coordenado pelo CPDOC e aprovado pelo Programa de Apoio aos Núcleos de Excelência (Pronex) do Ministério da Ciência e Tecnologia. Ao longo desses anos, temos produzido reflexões utilizando as entrevistas como fontes. Oito artigos foram elaborados até o momento: “História do movimento negro no Brasil: constituição de acervo de entrevistas de história oral”, trabalho apresentado no III Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros (São Luís, UFMA, setembro de 2004); “Movimento negro e ‘democracia racial’ no Brasil: entrevistas com lideranças do movimento negro”, trabalho apresentado na Terceira Conferência Bial da Association for the Study of the Worldwide African Diaspora – Aswad (Rio de Janeiro, outubro de 2005); “Discriminação racial no Brasil: entrevistas com lideranças do movimento negro”, trabalho apresentado no XIV Congresso Internacional de História Oral (Sydney, Austrália, julho de 2006) e publicado em *Historia, Antropología y Fuentes Orales* (Barcelona, Universidad de Barcelona, n. 37, 2007, p.23-31); “A defesa das cotas como estratégia política do movimento negro contemporâneo”, *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro, CPDOC, n.37, 2006/1); “Cotas no país da ‘democracia racial’: alguns elementos da atuação política do movimento negro contemporâneo.” (Juiz de Fora, Ed. UFJF, 2006); “O movimento negro contemporâneo”, in: *Revolução e democracia* (vol. 3 da Coleção *As esquerdas no Brasil*), coordenada por Daniel Aarão Reis e Jorge Ferreira (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007); “Articulações entre movimento negro e Estado: estratégias e experiências contemporâneas”, trabalho apresentado no IV Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros (Salvador, Uneb, setembro de 2006) e no III Seminário Pronex “Direitos e cidadania” (Rio de Janeiro, CPDOC, novembro de 2006), posteriormente publicado no livro *Direitos e cidadania: memória, política e cultura*, coordenado por Angela de Castro Gomes (Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2007); e “Qual África? Significados da África para o movimento negro no Brasil”, *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro, CPDOC, n.39, 2007/1). Os três primeiros estão disponíveis em www.cpdoc.fgv.br. As entrevistas do projeto constituem também o principal conjunto de fontes para a elaboração da tese de doutorado de Amilcar Araujo Pereira, “O ‘Mundo negro’: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-2001)”, que está sendo elaborada no Programa

39 entrevistas, com cerca de 110 horas de gravação, que foram incorporadas ao acervo do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas. Fundado em 1975, esse programa conta atualmente com mais de cinco mil horas de entrevistas gravadas com pessoas que participaram de acontecimentos e conjunturas de nossa história recente, entre as quais ganham destaque lideranças políticas, intelectuais, militares, tecnocráticas, comunitárias e sindicais. Como as lideranças negras são também lideranças políticas, entendemos que esse novo conjunto de entrevistas se articula com a linha de acervo do Programa de História Oral do CPDOC.

As entrevistas foram conduzidas com vistas a perceber a relação entre a história social e a trajetória individual de cada entrevistado(a). Nesse sentido, a conversa iniciava-se com perguntas sobre a infância e a socialização do(a) entrevistado(a): onde e quando nasceu, origens familiares, primeiros estudos etc. Em seguida, procurava-se acompanhar sua trajetória até a atuação no movimento negro, tentando observar as condições que o(a) conduziram a essa escolha. Eram tratados na entrevista os marcos significativos para a formação e a consolidação do movimento negro, tanto os que contaram com a participação direta do(a) entrevistado(a) como os que já fazem parte de uma “memória coletiva” do grupo. O conjunto de depoimentos contribui também para registrar a atuação de determinados personagens, recorrentemente lembrados, como é o caso de Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento. As relações entre os vários grupos militantes, entre estes e outros movimentos sociais (notadamente os grupos de esquerda) e, finalmente, entre o movimento negro e as diferentes instâncias do poder público (federal, estaduais e municipais) também foram assuntos largamente explorados nas entrevistas do projeto.

Tivemos oportunidade de publicar essas entrevistas em livro e optamos por uma espécie de "documentário escrito", intercalando as falas de nossos entrevistados de acordo com um roteiro que nós mesmos definimos. Isso implicou

de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, sob orientação de Hebe Mattos e com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

em seleções e descartes (decidir o que "entra" e o que "não entra" no livro), encadeamentos e associações, e produziu, como resultado, um texto que permanece fiel ao que foi dito, mas ainda assim se distancia bastante das entrevistas originalmente gravadas. Refletir sobre esse processo de edição das entrevistas e sua transformação em um "livro-documentário" é o objetivo deste texto.

O trabalho de edição das entrevistas para a elaboração do livro começou com a definição de um roteiro a partir do qual montaríamos “nossa” grande narrativa, com base no conteúdo do material que coletamos. Em linhas gerais, esse roteiro seguiu uma ordenação cronológica, que pretendeu dar conta da trajetória do movimento negro contemporâneo no Brasil: a formação das primeiras entidades, em diferentes regiões do país na década de 1970, a organização dos primeiros eventos, as estratégias de ação, a difusão de experiências e os grandes marcos do movimento (1988, 1995, 2001). Mas antes de iniciarmos essa narrativa cronológica propriamente dita, era necessário apresentar ao leitor os antecedentes, por assim dizer: como nossos entrevistados se tornaram militantes do movimento negro? Essa questão é responsável pelos dois primeiros capítulos do livro, “A consciência da negritude” e “Influências externas e circulação de referenciais”.

Tomemos como exemplo a estrutura do primeiro capítulo. Percebemos, durante a pesquisa, que muitas lideranças se reportam a momentos emblemáticos a partir dos quais iniciaram o processo de construção de sua identidade como negros. Outros descrevem o contexto familiar ou social de sua infância e juventude como relevante para essa tomada de consciência. As experiências variam, mas o tom é esse: como ocorre a percepção de que se é negro? Os trechos das entrevistas que selecionamos como próprios dessa questão acabaram nos levando a subdividir o capítulo em três itens: as influências familiares (avós, pais e mães), as influências de professores ou formadores e as influências de outros negros na percepção de nossos entrevistados como negros. Escolhemos para ilustrar essa questão um trecho pequeno, extraído da entrevista de Amauri

Mendes Pereira, militante no Rio de Janeiro desde inícios da década de 1970, quando ingressou na Faculdade de Educação Física da UFRJ:

Na universidade eu também vi o racismo. Era coisa séria, porque a gente era um grupo – eu, Yedo, Denival, Carlos Magno, Luiz Carlos, João Carlos e outros –, e tinha uma coisa interessante, para a qual um dia nós despertamos. No Fundão tinha o bandeirão com mesas redondas. E nós éramos oito, nove ou dez, e as bandejas eram grandes, só cabiam no máximo quatro ou cinco em cima de uma mesa. Então o que a gente fazia? Botava a bandeja no colo. A gente não se separava. Até que alguém viu uma vez e disse: “Por que vocês estão assim?” “Porque nós estamos na nossa mesa.” Mas mesa de quem? Era a mesa dos negros. Em todas as outras mesas só tinha brancos. É interessante essa questão da identificação. A gente não se dizia “os negros”, e ninguém dizia para nós que nós éramos os negros e por isso estávamos separados. Não era assim. Era realmente algo que foi sendo percebido.

É interessante observar que a divisão em capítulos resulta de um processo de reflexão contínua a respeito das entrevistas gravadas e da pesquisa realizada. Desde o início do desenvolvimento desse projeto tivemos oportunidade de apresentar trabalhos em congressos e escrever artigos nos quais refletimos sobre elementos que ressaltavam das entrevistas. Essa relação estreita entre produção das fontes orais e reflexão e análise fica ainda mais evidente quando percebemos que não seríamos capazes de produzir nosso “livro-documentário” antes do amadurecimento mesmo da investigação. Trata-se de um livro de depoimentos no qual “aparecemos” o mínimo possível, mas cujo resultado decorre indubitavelmente de nossas escolhas.

Uma vez esboçados os temas que seriam tratados em cada capítulo, iniciamos o trabalho de seleção e articulação dos trechos que se encaixariam em cada tema, buscando, na medida do possível, o equilíbrio tanto regional quanto de gênero. Estivemos também atentos às possibilidades de articulação e encadeamento das diferentes falas, procurando selecionar trechos que ou se

complementavam ou se contrapunham. O objetivo, com isso, era não apenas o de apresentar a história do movimento negro contemporâneo na voz de seus protagonistas, como sugere o roteiro dos capítulos, mas também evidenciar a pluralidade de perspectivas e de opiniões dos nossos entrevistados.

Sabemos que uma das principais contribuições da metodologia de história oral é justamente permitir o acesso a múltiplas experiências. Quando se pensa em “movimento negro” no Brasil de hoje, muitas vezes se imagina um movimento uniforme, formado por pessoas que defendem algumas bandeiras comuns, como as cotas e ações afirmativas, por exemplo, mas não se tem evidentemente noção das múltiplas dimensões, estratégias e posições que se descortinam nesse universo. Talvez possamos dizer que o principal objetivo do livro de depoimentos *Histórias do movimento negro pelo Brasil* seja dar conta dessa multiplicidade, sem deixar de evidenciar aquilo que esse movimento tem de específico: a luta contra o racismo e a organização de iniciativas (instituições, políticas, ações etc.) que visam a promoção da igualdade racial.

Não há dúvida de que esse objetivo tem uma motivação política – no amplo sentido da palavra. Consideramos que a questão racial é um componente fundamental para se pensar a sociedade brasileira, tanto nos dias de hoje como historicamente. Os movimentos negros que surgiram a partir da década de 1970 (e os que surgiram antes disso também, evidentemente) têm enfatizado essa necessidade de diferentes formas e ganharam visibilidade a partir de 2001, quando foram implantadas, pela primeira vez no país, cotas para negros nas universidades.² Mas talvez porque a multiplicidade das experiências e trajetórias dos militantes e das organizações do movimento seja pouco conhecida, a visibilidade provocada pelo advento das cotas acabou levando a uma polarização – ser contra ou a favor das cotas, ser contra ou a favor da idéia de democracia racial etc. – que muitas vezes resulta em debates estéreis. Nosso objetivo, com o livro, é contribuir para a reflexão sobre a questão racial no Brasil com informações sobre as escolhas e as avaliações dos diferentes militantes que entrevistamos.

² Sobre esse assunto especificamente, ver os artigos sobre cotas citados na nota 1.

O acesso a múltiplas experiências de que falamos acima é muitas vezes potencializado quando a entrevista de história oral contém narrativas pregnantes capazes de condensar uma determinada realidade. Procuramos, sempre que possível, inserir em nosso livro essas “histórias citáveis”,³ capazes de nos aproximar de experiências e concepções de mundo diferentes das nossas, como forma de apresentar aos leitores outros olhares sobre a realidade brasileira.

Veja-se, por exemplo, esse relato de Magno Cruz, militante no Maranhão desde os anos 1970 e que, nas eleições de 1988, foi candidato a vereador por São Luís na legenda do PT:

Mas o que mais me chocou durante a campanha em 1988 foi o que aconteceu quando eu estava saindo de uma reunião na sede do CCN [Centro de Cultura Negra] – que é num bairro de periferia, o bairro João Paulo. Eu já tinha gravado o programa eleitoral do PT. Cada vereador tinha um espaço de dez segundos. Hoje tem mais, porque o partido cresceu, mas na época era cruel. Dez segundos eram para eu dizer assim: “Eu sou Magno.” Ou então: “Meu número é 13...” Não lembro mais o número. Não dava para dizer as duas coisas. Nessa época eu estava barbudo – o tipo do petista era usar barba, o Lula usava –, usava uma boina colorida, roupas coloridas e com esse cabelão. Então causava um impacto a minha imagem, não é? Aparecia e sumia rapidamente. Eu vinha subindo para pegar o ônibus, passei por uma casa humilde e vi a chamada do PT. Tinha uma música que era característica da inserção. Aí me lembrei que nesse dia eu ia aparecer, porque não era todo dia que aparecia, eram muitos candidatos. Eu nunca tinha me olhado na televisão em campanha, aparecia mais na televisão como militante do movimento negro. Corri e fiquei numa janela lá na casa: a televisão ligada, uma família negra, todos indubitavelmente negros, e o pai sentado. Tinha três filhos, parece que dois rapazes, uma jovem já quase adolescente e a mulher. Aquela postura do pai com o pé na cadeira, sentado em uma poltrona, aquela coisa do chefão, não é? A

³ Ver, a esse respeito, Verena Alberti. *Ouvir contar*: textos em história oral (Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004).

mulher sentada de uma forma mais submissa, e os filhos assim. Na realidade ninguém estava olhando para a televisão. No horário político ninguém olha para a televisão. E na hora em que eu apareci todo mundo olhou. Então o pai se levantou e muito indignado falou para a televisão: “Mas o que esse negro quer, rapaz? Esse negro não está vendo que isso não é lugar para ele?”

Eu não consegui superar isso até hoje, acredita? Mesmo com toda a militância, com toda a força, aquilo me deprimiu tanto que pensei seriamente, no outro dia, em abandonar a campanha. Mas a gente já estava no barco e não tinha mais como voltar atrás, até seria uma covardia. Mas ver o meu povo dizendo aquilo me chocou muito. O meu povo não ia votar em mim. Na realidade, eu cheguei a essa conclusão. Até que tive mil e poucos votos. Teve candidato com seiscentos que se elegeu, porque tinha a questão do coeficiente eleitoral. Mas aí cheguei à conclusão, para superar isso, que nós temos que trabalhar. Não adianta lamentar. Eu não faço apologia que negro tem que votar em negro, mas tem que votar no negro que tenha coerência com a luta.

A plasticidade desse relato o torna sem dúvida especial, como muitas outras “histórias dentro da história” que conseguimos por vezes captar em nosso trabalho com essa metodologia.

Como não podia deixar de ser, a organização da “nossa” narrativa deixou de lado muitos outros temas tratados nas entrevistas, igualmente importantes para o estudo do movimento negro e da história contemporânea do Brasil, mas que não se encaixavam na estrutura escolhida. Um exemplo claro dessa dificuldade foi a entrevista com Júlio Romão, nascido em 1917 e homenageado durante o III Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, ocorrido em São Luís do Maranhão, em setembro de 2004, como um dos baluartes do movimento negro, desde a década de 1930. Quando conseguimos entrevistá-lo, tínhamos uma grande expectativa, mas, em virtude de sua idade avançada, a entrevista acabou se distanciando de possíveis experiências ligadas à militância do movimento

negro, passando a se concentrar em sua trajetória profissional, como escritor e jornalista: era sobre isso que Júlio Romão desejava falar. A entrevista é uma fonte interessante para o registro de suas lembranças em 2004, mas não oferecia “entradas” em nosso esquema mais amplo.

Outra preocupação que tivemos durante a preparação do livro foi de cunho ético. Ainda que a seleção e a arrumação das falas dos entrevistados ao longo dos capítulos sigam, como dissemos, nosso arbítrio, ao mesmo tempo procuramos permanecer fiéis às narrativas e às intenções dos falantes. Isso exige um constante ir-e-vir da entrevista em sua versão integral ao texto editado, sem esquecer que este último está constantemente dialogando com outros trechos escolhidos para figurar a seu lado. Como esse “diálogo” foi por nós construído, é necessário, como em todo documentário eticamente produzido, atentar para que não se tenha a impressão de que uma fala “desmente” ou “desmascara” a anterior.

Para nos certificarmos de que as intenções dos nossos entrevistados foram efetivamente respeitadas, antes da publicação do livro enviamos a cada um deles os trechos de suas entrevistas que seriam publicados, junto com a introdução do livro e a breve nota biográfica a seu respeito. Em princípio, não haveria necessidade de fazê-lo, uma vez que todos cederam formalmente suas entrevistas para o CPDOC. Mas sempre é bom considerar que o entrevistado talvez não queira ver publicado algo que tenha dito especificamente para seus entrevistadores, em uma dada circunstância, durante a gravação da entrevista. Além disso, como algumas das entrevistas foram gravadas há dois ou três anos, consideramos que cabia informar o entrevistado a respeito de sua publicação, para que não fosse surpreendido pelo fato com o livro já publicado.

Durante o processo de edição optamos por respeitar as normas gramaticais da língua portuguesa em sua forma escrita. Destarte, alguns vícios de linguagem e repetições (como, por exemplo, “né”, “que é que”...) foram suprimidos do texto, bem como algumas frases que julgamos serem de difícil compreensão para o leitor. É importante ressaltar que o trabalho de edição e organização dos trechos dos depoimentos foi acompanhado de uma pesquisa intensiva para a elaboração

de cerca de 570 notas explicativas. Até por se tratar de um movimento social pouco conhecido e estudado no Brasil, as notas de pé de página tornaram-se parte importante do texto do livro, à medida que permitem sanar possíveis dúvidas do leitor e tornar compreensíveis as falas dos depoentes, que muitas vezes citam assuntos ou personagens sobre os quais geralmente não se tem conhecimento.

Outros instrumentos de pesquisa foram elaborados, além das notas de pé de página: uma cronologia dos principais momentos do movimento negro no Brasil desde o final do século XIX, um índice remissivo das instituições e entidades do movimento no Brasil, um índice onomástico e uma lista de siglas. Com esses instrumentos, pensamos que o livro pode se constituir em uma obra de referência sobre o assunto, ao lado de outras, evidentemente. E para propiciar a compreensão das falas dos entrevistados e contextualizá-las, apresentamos, no início do livro, um quadro das entrevistas, com dados biográficos dos entrevistados e informações sobre as entrevistas (data, local e duração).

Esperamos que nosso trabalho de pesquisa e o livro que dele resultou possam se tornar uma contribuição não somente para trabalhos sobre o movimento negro e sobre as relações raciais no Brasil, mas também para outras tentativas de compreensão da nossa sociedade de maneira ampla, que contemplem os diferentes olhares nela existentes.